

IDEAU

O IMAGINÁRIO PARANAENSE: IMAGENS NO RÁDIO

THE PARANÁ IMAGINARY: IMAGES IN RADIO

EL IMAGINARIO PARANAENSE: IMÁGENES EN LA RADIO

Rafaeli Francini Lunkes Carvalho

Doutora em Comunicação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: rafaelilunkes@yahoo.com.br

RESUMO

No Paraná, a rede de emissoras radiofônicas Rádio T, com o programa *Bolicho da T*, aposta no humor regional, com o apresentador-personagem Juca Bala. Esta pesquisa tem o objetivo desenvolver um estudo sobre o imaginário no rádio, a partir do apresentador-personagem Juca Bala, observar os elementos, principalmente os regionais, que ele emprega que possibilitam que o público crie imagens no rádio. A metodologia aplicada é a pesquisa qualitativa de natureza documental (mostragem de parte de um programa gravado), para análise contaremos com o apoio da Semântica Argumentativa. O personagem Juca Bala ao criar narrativas para o meio rádio, emprega expressões regionais, buscando a conexão com o ouvinte. A cultura paranaense fica expressa em palavras e expressões. A persona do Juca Bala pode ser compreendida como uma reatualização do arquétipo do *trickster*, operando sentidos ancestrais do imaginário cultural por meio da oralidade. A riqueza narrativa favorece a criação de imagens únicas pelos ouvintes, e contribui para o êxito do personagem no contexto regional.

Palavras-chave: Imaginário. Paraná. Rádio. *Trickster*. Juca Bala.

ABSTRACT

In the state of Paraná, the radio broadcasting network Rádio T, through the program *Bolicho da T*, invests in regional humor with the host-character Juca Bala. This study aims to develop an analysis of the imaginary in radio, based on the host-character Juca Bala, observing the elements, especially regional, ones that he employs to enable the audience to create mental images through radio. The methodology adopted is qualitative research of a documentary nature, based on the sampling of a recorded segment of the program, for the analysis, we rely on the framework of Argumentative Semantics. By creating narratives for the radio medium, the character Juca Bala uses regional expressions, seeking to establish a connection with the listener. Paraná's culture is expressed through words and idiomatic expressions. The persona of Juca Bala can be understood as a reactualization of the trickster archetype, activating ancestral meanings of

DOI:10.55905/reiv6n1-022

Submitted on: 2.9.2026 | Accepted on: 3.2.2026 | Published on: 3.10.2026

the cultural imaginary through orality. This narrative richness encourages the creation of unique images by listeners and contributes to the character's success within the regional context.

Keywords: Imaginary. Paraná. Radio. *Trickster*. Juca Bala.

RESUMEN

En el estado de Paraná, la red de emisoras radiofónicas Rádio T, con el programa *Bolicho da T*, apuesta por el humor regional a través del presentador-personaje Juca Bala. Esta investigación tiene como objetivo desarrollar un estudio sobre el imaginario en la radio, a partir del presentador-personaje Juca Bala, observando los elementos —principalmente los regionales— que emplea y que posibilitan que el público cree imágenes a través del medio radiofónico. La metodología aplicada es una investigación cualitativa de carácter documental, basada en el muestreo de un fragmento de un programa grabado. Para el análisis, se contará con el apoyo de la Semántica Argumentativa. El personaje Juca Bala, al crear narrativas para el medio radiofónico, utiliza expresiones regionales con el fin de establecer una conexión con el oyente. La cultura paranaense se expresa en palabras y giros lingüísticos. La persona de Juca Bala puede comprenderse como una reactualización del arquetipo del *trickster*, operando sentidos ancestrales del imaginario cultural a través de la oralidad. La riqueza narrativa favorece la creación de imágenes únicas por parte de los oyentes y contribuye al éxito del personaje en el contexto regional.

Palabras clave: Imaginario. Paraná. Radio. *Trickster*. Juca Bala.

1 INTRODUÇÃO

O imaginário surge de modo crescente na pesquisa brasileira, em todas as áreas do conhecimento, incluindo a Comunicação/Educação. Nessa pesquisa buscamos entender o imaginário, ressalta-se, contudo, que os fios que participam da construção dos imaginários são bastante vastos e que, para este trabalho, focamos no discurso regional de humor, por meio do humorista do Paraná, Juca Bala.

A rede de emisoras radiofónicas Rádio T, é uma rede paranaense de estações de rádio. O programa *Bolicho da T*, é comandado pelo apresentador-personagem Juca Bala. O personagem de rádio Juca Bala, foi criado em 2008, pelo radialista Anderson Jorge Magatão, e ganhou popularidade em todo o Estado explorando um humor tipicamente paranaense.

Ao desenvolver essa pesquisa levo em consideração as seguintes problemáticas: Como apresentador-personagem Juca Bala cria imagens no rádio? Qual a contribuição do humorista no processo de construção do imaginário?

O objetivo geral desta pesquisa é desenvolver um estudo sobre o imaginário no rádio, a partir do apresentador-personagem Juca Bala, observar os elementos, principalmente os regionais, que ele emprega que possibilitam que o público crie imagens na rádio. Apresentar os mecanismos do humor a partir da mídia: rádio. Verificar a contribuição do humorista no processo de construção do imaginário.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O ponto de vista antropológico de Gilbert Durand (1988), nos possibilita compreender o imaginário associado ao mito, estabelecendo o primeiro substrato da vida mental de um indivíduo, até que se insira um trajeto antropológico mais amplo, o que faz do imaginário um universo de representações.

Já Carl Jung, criou o conceito de arquétipo junto ao de imaginário, conduzindo o entendimento de imagens primordiais do inconsciente coletivo, conectando o imaginário e esquemas puramente subjetivos a processos racionais e imagens concretas do entendimento humano em coletividade (Joachim et al., 2011).

Segundo Gaston Bachelard o conhecimento do imaginário é como uma estrutura fundamental na qual se formam todos os processamentos do pensamento humano. O teórico caracteriza que a concretização do imaginário se dá quando se pensa, sonha ou vive a matéria. Conforme Bachelard (1998, p.126): “O imaginário não encontra suas raízes profundas e nutritivas nas imagens; a princípio, ele tem necessidade de uma presença mais próxima, mais envolvente, mais material”.

Os arquétipos e os mitos são elementos essenciais para compreender o que é o imaginário. O mito, no que lhe diz respeito, torna-se a primeira

operacionalização do arquétipo, sob a forma de história, de narrativa; uma manifestação sobre elementos do mundo social e/ou do mundo cultural. O mito desse modo, uma narrativa criada em cima de um arquétipo.

O *trickster* é um arquétipo mitológico, identificado em diversas culturas, que aparece como um mediador, para resolver oposições. Considerando-se que as atividades humanas acham pontos de contradições, a função primordial do mito, segundo Lévi- Strauss, seria a de buscar superá-las (Lévi- Strauss, 2012). O *trickster* é agente da desorganização da ordem estabelecida e, desta forma, gerador de movimento na cultura.

A mensagem radiofônica é uma criação simbólica intermediada por um meio de comunicação que deve atingir o ouvinte, sugerindo imagens sonoras ao ouvinte, distante do lugar de produção. Schaeffer (1970) associa essas imagens proposta pelo rádio à sensação de percebemos o mar ao botarmos o ouvido perto de uma concha.

O homem acabou fabricando conchas cada vez mais reveladoras. A era do maquinismo alardeado pelos espiritualistas é, exatamente, a era quando a sensibilidade humana se apresentava da forma mais exacerbada. Não se trata apenas de máquinas de produzir, mas máquinas de sentir, que dão ao homem moderno tato, ouvidos e olhos incansáveis. Máquinas, portanto, das quais se pode esperar que permitam ao homem ver, escutar e tocar aquilo que jamais seus olhos puderam lhe mostrar, o que seus ouvidos não puderam fazê-lo escutar ou a tocar aquilo que jamais suas mãos poderiam fazê-lo tocar. (Schaeffer, 1970, p.92)

Desse modo, como a concha do mar que nos sugere o oceano quando a levamos aos ouvidos, observamos que o rádio sugere ao ouvinte imagens multisensoriais, a partir do som. Ainda que seja tácito que a programação radiofônica, assim como a de todas as mídias, esteja submetida às leis do mercado vigentes no sistema capitalista, salientamos que os ritmos da cultura e os da natureza subjazem, inconscientemente, à indústria do entretenimento “[...] apontamos que a elaboração das pautas e dos roteiros dos programas de rádio, organizados simbolicamente, aproximam-se à ciclicidade da natureza” (Nunes, 1999, p. 38). O tempo de iterar as sagas místicas é marcado pela necessidade ora de comemorar algum fenômeno da natureza, ora para resolver questões

críticas – quer seja o arroz que não cresce, quer seja a doença que atinge um membro do grupo (Nunes, 1999, p. 39).

De acordo com Nunes (1999), o eterno retorno ao princípio das coisas busca, acima de tudo, dirimir a duração do tempo profano, preenche as incertezas e assegura a própria regeneração do tempo no tempo mítico, de forma a operacionalizar a falta, os limites de sua realidade física, de impossibilidade de recuperar as perdas trazidas pelo tempo inexorável. O homem cria a cultura, segundo a realidade que lhe garante a crença de intervir e modificar seu destino precívél por meio de ações simbólicas, ações culturais.

O rádio, como um elemento do sistema cultural, reproduz em suas pautas meios simbólicos com a intenção de vencer as perdas que atingem o homem. Promovendo a união entre os processos da natureza e da segunda realidade, também chamada de realidade da cultura, é onde os mitos, ritos, criações imaginárias, ou seja, toda a produção simbólica tomam o texto como unidade mínima da cultura.

3 METODOLOGIA

A metodologia aplicada é a pesquisa qualitativa de natureza documental. Vai ser utilizado amostragem de um programa. O programa do *Bolicho da T* é transmitido de segunda-feira a sexta-feira das 18h00 às 19h00, pela Rádio T e é um dos maiores programas de audiência da emissora.

Como estamos tratando de um objeto de estudo (Juca Bala) que se torna sujeito por meio do texto da narrativa de humor, para analisar os programas de rádio, contaremos com uma parte da Linguística que contribuiu para os estudos do texto, a Semântica Argumentativa. Dentre os diversos recursos argumentativos, os dêiticos (os diferentes tipos de pronomes) indicam o sujeito da enunciação. Segundo Fiorin (1996, p.15), para entender o processo de discursivização, é necessário compreender os mecanismos que definem sujeito, tempo e espaço no discurso.

Expressões ou palavras pré-fabricadas, fixas, cristalizadas que, no geral, não são literais e não se encontram isoladas, mas em contexto com a cultura,

formando uma dêixis idiomática, contribuindo não apenas com a coesão e articulação textuais, mas também substituindo explicações ou demarcando lugares sociais, tempos e elementos atitudinais dos interlocutores.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Parte de um programa *Bolicho* da T, de maio de 2020, publicado no Youtube. Apresentação Juca Bala e Waltinho:

WALTINHO — Oh sexta-feira, rapaz do céu, eu falei para você, Juca, que ia esfriar, ia chover.

JUCA— Mingou minha pescaria amanhã, rapaz do céu, nós estamos pronto com o Vinicius, não o Secon para nós ir pescar.

WALTINHO — Quando começa a me dar aquelas dor nos nervos, nessas partes e sor se esconde de atrás de um pinhelao que tem lá em casa pode saber que lá vem frio Juca , lá vem chuva.

JUCA— Frio não é tanto probrema é solução, tamo precisando.

WALTINHO — Tem gente que gosta de clima assim, Juca, com frio e chuva.

JUCA— Então, porque não andam só de carçanzinho e brusinha.

WALTINHO — O Jauri era uma pessoa que gostava de clima assim.

JUCA—Mas, claro, ele tinha uma coberta acoplada, uma capa de gordura, eu lembro que ele falava que quando o tempo estava desse jeito, eu viro num tatu faqueado.

Vemos várias expressões regionais como: rapaz do céu, uma forma comum das pessoas do interior se referirem a outra era usando interjeições também religiosas, como também “gente do céu”, “criatura de Deus”. Também expressões regionais como: mingou, sor, pinhelao, carçanzinho, brusinha. Tatu faqueado quando o tatu se assusta (no caso dele ver a faca), ele pula verticalmente para cima, e uma gíria que aparece em algumas músicas gaúchas, ou seja, ele pula de alegria. As palavras aquelas dor, supressão do plural e um falar regional. Quando o Juca fala probrema, é uma palavra que cria comicidade, indica um falar caipira regional. Na composição do personagem Juca Bala, é existente a linguagem do caipira. O tom de voz do Juca= agudo, falar rápido, indicativo de pessoas simples do campo. Quando os apresentadores falam do Jauri (apresentador do Bolicho até 2017, já falecido), temos um apelo para a memória afetiva do público que já conhecia o apresentador anterior. O jeito de

falar de entes queridos e como eles eram é uma característica cultural. A memória.

Para Hyde (2017, p. 19). A função da figura do *trickster* “[...]é expor e desorganizar as próprias coisas nas quais as culturas se baseiam”. O Juca Bala durante os o programa do Bolicho da T, promove a desordem, para que tudo se reorganize. Promove o movimento, a circulação.

5 CONCLUSÃO

O personagem Juca Bala desenvolve uma narrativa no programa do *Bolicho da T*, por meio da rádio que é fonte e produto do imaginário. Uma narrativa midiática fortalece o imaginário do mesmo modo em que é fortalecida por ele. A sociedade/cultura e o imaginário se retroalimentam. Visto que o pensamento em vigor de certo período em uma definida sociedade tem sua premissa no mito – mesma origem da narrativa –, estudar uma narrativa é estudar uma sociedade/ cultura.

O personagem Juca Bala sendo uma reatualização do arquétipo do *trickster*, ao criar para o meio rádio, o personagem, narra uma história com riqueza de detalhes, na escolha de palavras, utiliza palavras, de falas regionais, indicando a busca de conexão com o público ouvinte, que possibilita o público crie imagens. A cultura paranaense fica expressa em palavras e expressões.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. (Trad. de Antônio de P. Danesi). São Paulo: Martins Fontes, 1998. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/36379499/BACHELARD-Gaston-A-Agua-e-os-sonhos#download>>. Acesso: fevereiro de 2026.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Trad. Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1988.

FIORIN, José Luiz. (1996). **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática.

JOACHIM, Sébastien et al. **Saber do imaginário e saber do mito**. In: _____ . *Hermenêutica do imaginário*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011.

HYDE, Lewis. **A astúcia cria o mundo**. Trickster: trapaça, mito e arte. Trad.: Francisco R. S. Innocêncio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. 1a ed. São Paulo: Cosac Naifa, 2012.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. **Mito No Radio**, O - a voz e os signos de renovação periódica. São Paulo: Annablume, 1999.

SCHAEFFER, Pierre. **Machines à communiquer I**. Genèse des simulacres. Paris: Seuil, 1970.